

“Mulher de preso”: histórias narradas por familiares de detentos em uma página do Facebook

Tiemi Damasceno Osato

Resumo

O meu artigo estuda a interação entre mulheres que possuem parentes presos. O objetivo do trabalho é entender a comunicação entre elas e os possíveis significados dessa relação. Para isso, foi analisada uma página do Facebook, cujo nome não será divulgado a fim de preservar as identidades das participantes. Observou-se que existem cinco principais narrativas: identitárias, biográficas, humorísticas, informativas e de denúncia. Entre as identitárias, é possível notar que termos como “cunhada” e “guerreira” aparecem frequentemente. Existem também as postagens biográficas, que apresentam histórias de vida dessas mulheres. Além disso, o teor humorístico é característica da página e traz referências a personalidades conhecidas, como a cantora Inês Brasil e personagens das novelas “A dona do pedaço” e “Avenida Brasil”. Por fim, além da função de apoio emocional evidenciada através das narrativas previamente mencionadas, percebe-se que a página também exerce um papel informativo ao disseminar notícias e casos de denúncia.

Objeto e objetivos

Originalmente, a ideia desta pesquisa consistia em realizar um estudo de campo para analisar o papel da comunicação na ressocialização de presos. Devido aos contratemplos desencadeados pela pandemia do novo coronavírus, porém, houve uma mudança de planos e tornou-se necessário encontrar um objeto que pudesse ser estudado pela Internet. Dessa forma, tentei preservar o sistema carcerário como característica da minha pesquisa.

Ao procurar no Facebook comunidades que teriam alguma semelhança ou ligação com detentos, encontrei diversos grupos privados e algumas páginas de mulheres que visitam parentes na prisão. Assim, o sistema carcerário tornou-se o pano de fundo para que novas protagonistas entrassem em cena: as mulheres que visitam familiares presos. São as “guerreiras”, como se denominam a criadora e as seguidoras de uma página pública do Facebook. A fim de preservar identidades, o nome da página ou das participantes não será revelado.

Através da análise dessa página, a pesquisa busca direcionar os olhares para onde, no geral, eles não costumam se voltar sem que estejam carregados de reprovação ou desprezo. O ex-secretário adjunto de Segurança Pública de Minas Gerais, Luiz Flavio Saporì, aponta, no 12º Anuário de Segurança Pública (2019), que há uma “negligência histórica do poder público” quanto ao sistema prisional. O 9º Anuário de Segurança Pública (2015), por sua vez, indica que 57% dos brasileiros concordam com a frase “bandido bom é bandido morto”.

Também no 9º Anuário de Segurança Pública, as mulheres que possuem familiares presos relatam que os ataques aos detentos e às pessoas ligadas a eles acontecem “na porta dos presídios, dos funcionários; dentro de casa, dos familiares; nas redes sociais, com várias piadas; e até mesmo dos políticos e figuras públicas”. Esse tipo de afirmação condiz com o que foi encontrado na página do Facebook analisada.

A proposta do meu artigo está mais alinhada à ideia de um exercício de alteridade. Para isso, há uma breve contextualização sobre o sistema prisional brasileiro e, em seguida, é apresentada a análise das narrativas encontradas na página em questão.

Metodologia e aportes teóricos

Através da observação, análise e monitoramento constantes da página e das narrativas nela compartilhadas, procura-se compreender de que maneira ocorre a comunicação entre as “guerreiras” e os seus possíveis significados. Tomando como base o conceito de Luiz Gonzaga Motta (2013), que considera a narrativa como “processo universal de constituição de realidade”, busca-se captar uma fração da intensidade da vivência dessas mulheres. Para isso, foram desenvolvidas categorias a partir de elementos comuns e recorrentes que certas postagens apresentam. Há, portanto, as seguintes narrativas: identitárias, biográficas, humorísticas, informativas e de denúncia.

Foram selecionadas de seis a dez postagens entre os meses de maio e julho para cada categoria. Os critérios utilizados para escolha de posts incluem o número de reações, de compartilhamentos e de comentários. Este último elemento, a partir da compreensão de Raquel Recuero (2014), se torna especialmente relevante, uma vez que “compreenderia assim uma participação mais efetiva, demandando um maior esforço e acontecendo quando os usuários têm algo a dizer sobre o assunto”.

Também é importante lembrar que as postagens apresentam vivências que são comuns entre as mulheres que visitam presos. Assim, as narrativas fortalecem a rede sustentada pela

página na medida em que “as múltiplas violências experimentadas por familiares que transitam em unidades prisionais se transformam, no contexto específico desta comunidade, em elemento de aproximação entre seus membros”, como pontua Barcinski (2014).

Quando comecei o trabalho de observação, na primeira semana de maio, a página contava com 125 mil seguidores e 98 mil curtidas. Ao longo do tempo, vi esses números se tornarem maiores e mais expressivos, alastrando-se para as mais diversas regiões do Brasil, de São Paulo ao Amazonas. Agora, na primeira semana de outubro, a página conta com 151 mil seguidores e 114 mil curtidas.

Principais achados parciais

Conclui-se que a página analisada exerce algumas funções. Entre elas, a de apoio emocional e a informativa. Através das narrativas identitárias, percebe-se que as mulheres se tratam por “cunhadas” e fazem do espaço oferecido por uma rede social um ambiente esclarecedor e de compreensão mútua. É um local onde elas enxergam uma recepção positiva o suficiente para que se sintam confortáveis em compartilhar suas experiências de vida, mesmo que não se conheçam pessoalmente — o que se evidencia por meio das narrativas biográficas. Nota-se também que os comentários são uma ferramenta importante de apoio e expressão.

Além disso, destaca-se o teor humorístico presente na página. Apesar da comunidade em questão enfrentar uma realidade complexa, os posts de humor são frequentes, contam com referências a memes amplamente conhecidos na Internet e exemplificam uma outra forma de expressão dessas mulheres no Facebook. Por fim, percebe-se também que a página assume um caráter de fonte de informação — ao disseminar conteúdos sobre auxílio emergencial, Bolsa Família e visitas em presídios — e canal de denúncia — ao compartilhar vídeos gravados dentro das próprias unidades prisionais que mostram as condições precárias enfrentadas pelos detentos.

Referências bibliográficas

BARCINSKI, M. et al. Guerreiras do cárcere: uma rede virtual de apoio aos familiares de pessoas privadas de liberdade. *Temas Psicol* [Internet]. 2014.

BONIN, Jiani Adriana. Pesquisa exploratória: reflexões em torno do papel desta prática metodológica na concretização de um projeto investigativo. *Anais do XXI Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Juiz de Fora*, 2012.

BRAGA, José Luiz. Nem rara, nem ausente-tentativa. *Matrizes*, v. 4, n. 1, p. 65-81, 2010.

BRAGA, José Luiz. Dispositivos interacionais. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação, do XX Encontro da Compós, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, de, v. 14, 2011.

BUORO, Andréa Bueno. A cabeça fraca: familiares de presos frente ao dilema da percepção dos direitos humanos. *Revista USP*, n. 37, p. 70-81, 1998.

CARDOSO, Irene. Narrativa e história. *Tempo social*, v. 12, n. 2, p. 3-13, 2000.

DA CUNHA RECUERO, Raquel. Comunidades Virtuais em Redes Sociais na Internet: uma proposta de estudo. In: *E-Compós*. 2005.

DA CUNHA RECUERO, Raquel. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. *Verso e Reverso*, v. 28, n. 68, p. 117-127, 2014.

GERBNER, George. The stories we tell. *Peace Review*, 11(1), 9-15, 1999.

MARCONDES FILHO, Ciro JR. De repente, o prédio falou comigo. Anotações sobre experiências metapóricas em Teoria da Comunicação. 20º Encontro Anual da Compós, 2011.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise crítica da narrativa*. Editora UnB, 2013.

PFAFFENSELLER, Ana et al. As narrativas de si nas redes sociais: o “eu” no facebook. 2017.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira et al. Interações e práticas no Facebook. *Contracampo: revista do Programa da Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense*. Niterói, RJ. Vol. 37, n. 2 (ago./nov. 2018), p. 152-171, 2018.

PRIMO, Alex. O que há de social nas mídias sociais? Reflexões a partir da teoria ator-rede, v. 10, n. 3, p. 618-641, 2012.

TANNUSS, Rebecka Wanderley et al. Pena compartilhada: das relações entre cárcere, família e direitos humanos. *Revista Eletrônica Direito e Sociedade-REDES*, v. 6, n. 2, p. 203-218, 2018.